

RA

REVISTA
ADVENTISTA

Herança Missionária

19

BÍBLIA

O Sábado no
Tempo do Fim

34

**OLHOS
NOS OLHOS**

Fernando
Ferreira

50

**ESPÍRITO DE
PROFECIA**

A Palavra de
Deus

PUBLICADORA SERVIR
MAIO 2026
N. 948 | ANO 87



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
**CAFILESA – SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.
VENDA DO PINHEIRO**

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
26	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	[11]	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 TORNEIO DESPORTIVO
SOLIDÁRIO

1-3 IV JORNADAS DE SAÚDE
(MADEIRA)

9 DIA DE ÊNFASE NA ADRA E
SAÚDE

9-10 EFJA | NÍVEL III (NORTE E
CENTRO)

10-16 CAMPANHA NACIONAL DE
SOLIDARIEDADE – ADRA

17 FORMAÇÃO SAL

23 DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO
PELAS CRIANÇAS EM RISCO

23-24 EFJA | NÍVEL III (LISBOA
E SUL)

23-30 CAMPANHA NOVO TEMPO
25 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
ONLINE

30 ENCONTRO DE COROS DO
NORTE

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

4-8 UNIÃO BÚLGARA (BGU)

11-15 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRANÇA (EUD)

18-22 PUBLICADORA *ADVENT
VERLAG* (SWU)

25-29 REUNIÃO SEMESTRAL DA
EUD (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[11] SEGUNDA-FEIRA

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
31	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	6
7	[8]	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
[28]	[29]	30	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 BÊNÇÃO DE FINALISTAS

7 FORMAÇÃO SAL

13 DIA DE ÊNFASE DOS
MINISTÉRIOS DA MULHER

20 SÁBADO GLOBAL DOS
REFUGIADOS

20 ENCONTRO ONLINE
ACOLHIMENTO E RECEÇÃO
(MINISTÉRIO DA MULHER)

26-28 ENCONTRO NACIONAL
DE MÚSICOS

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
ONLINE

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIÃO PORTUGUESA (PTU)

8-12 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRIEDENSAU (EUD)

15-19 UNIÃO ITALIANA (ITU)

22-26 EDITORA *SAFELIZ* (EUD)

29/6-3/7 UNIÃO SUL DA
ALEMANHA (SGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[29] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA *RTP2* SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

01

EDITORIAL

Eis-me Aqui

05

ESTILO DE VIDA

Atualização do Estudo de Saúde Adventista

A vantagem do nosso estilo de vida.

14

BIOGRAFIA

John Matteson

Uma vida ao serviço da missão.

19

BÍBLIA

O Sábado no Tempo do Fim

A escatologia do Sábado.

24

EVANGELISMO

Herança Missionária

Sacrifício em prol da missão.

28

GRAVADO NA PEDRA

Em que Alfabeto Terá Escrito Deus as Tábuas da Lei?

Uma pergunta fundamental.

34

OLHOS NOS OLHOS

Fernando Ferreira

Ao serviço da missão.

40

PÁGINA DA FAMÍLIA

O Lar – Uma Experiência Doce como o Mel ou Amarga como o Fel?

A diferença que o amor faz.

42

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Departamento dos Ministérios da Mulher

A missão de uma perspectiva feminina.

47

HERÓIS DA BÍBLIA

Jacob – Uma Vida Transformada

Fica a conhecer melhor o pai do povo de Deus no Antigo Testamento.

50

ESPÍRITO DE PROFECIA

A Palavra de Deus

A supremacia do Cânon.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Eis-me Aqui

Há momentos na História em que Deus não procura estratégias, procura pessoas.

Em Isaías 6:8 encontramos um desses momentos. O profeta ouve a pergunta de Deus: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” Não é uma questão de capacidade, nem de recursos. É uma questão de resposta.

Isaías responde: “Eis-me aqui, envia-me a mim.”

Esta resposta não nasce da confiança em si mesmo, mas de um encontro com Deus. Antes de dizer “Envia-me”, Isaías contemplou a santidade divina, reconheceu a sua própria condição de pecador e foi transformado. A missão começa sempre assim: Não com um plano, mas com um coração tocado.

Ao olharmos para a história missionária da Igreja Adventista do Sétimo Dia, vemos esta mesma dinâmica. Homens e mulheres que abandonaram a segurança, o conforto e até a própria vida, não porque tinham todas as respostas, mas porque tinham uma convicção: Deus chamou, e eles responderam.

A pergunta que permanece para nós, hoje, é simples, mas profunda: Ainda há espaço para esta resposta na nossa vida?

Vivemos num tempo de muitas oportunidades, mas também de muitas distrações. Podemos admirar, estudar e

apoiar a missão... e, ainda assim, não nos envolvermos verdadeiramente nela.

Isaías não disse “Que alguém vá”. Disse: “Envia-me a mim.”

A missão de Deus continua a precisar de pessoas como estas. Pessoas que não esperam condições ideais, mas que se dispõem a ir. Pessoas que não colocam limites ao que Deus lhes pode pedir. Pessoas que compreendem que a maior realização da vida não está em preservar-se, mas em entregar-se a Deus. “Se trabalharem com abnegação, fazendo o que for possível para promover o progresso da causa em campos novos, o Senhor os ajudará, fortalecerá e abençoará. Confiem na garantia da Sua presença, que os sustém, e que é luz e vida. Tudo façam pelo amor de Jesus e das preciosas pessoas por quem Ele morreu”.¹

Talvez Deus não esteja a chamar todos a partir para um país distante. Mas certamente está a chamar cada um para viver com sentido de missão, na família, na igreja, no trabalho, na comunidade.

A questão não é apenas para onde vamos, mas se estamos disponíveis.

Porque, no fim, a missão não avança apenas com recursos. Avança com respostas.

E hoje, mais do que nunca, Deus continua a perguntar: “A quem enviarei?”

Que a nossa resposta seja clara, humilde e corajosa: “Eis-me aqui, Senhor. Envia-me a mim.”

1

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: CPB, 2006), Vol. 8, p. 33.

Atualização do Estudo de Saúde Adventista

Descobertas recentes do “Estudo de Saúde Adventista-2”.



Gary Fraser, Roy Mathew, Fayth Miles-Butler, Jisoo Oh e David Shavlik
Investigadores da Área Médica da Universidade de Loma Linda

Noventa e seis mil Adventistas do Sétimo Dia, com idades entre 30 e 112 anos, de todos os 50 estados dos EUA e também do Canadá, foram incluídos no Segundo Estudo de Saúde Adventista (ESA-2) de 2002 até 2007, incluindo 25 por cento de participantes afro-americanos e proporções mais pequenas de outras minorias raciais e étnicas. Embora o estudo tenha resultado, até agora, em mais de 200 relatórios na literatura médica do ESA-2, o leitor pode razoavelmente dizer: “O que significa isso para mim?”

Já sabemos que os Adventistas são particularmente longevos em média – fazem parte de uma designada Zona Azul. Também sabemos que o consumo de carne vermelha aumenta o risco de várias patologias e que o consumo de nozes protege contra doenças do coração e possivelmente contra outros problemas. Mais recentemente, descobrimos que a *proteína* da carne está associada a um risco mais elevado e a *proteína* das nozes está associada a um menor risco de doenças cardiovasculares. Assim, pode ser que não sejam apenas as gorduras que são relevantes para o risco de doença.

Vegetarianismo

No ESA-2, temos-nos focado principalmente em Adventistas que têm hábitos alimentares diferentes entre si. Estes incluem não vegetarianos (cerca de 40% dos Adventistas do nosso estudo) que, ainda assim, são mais cuidadosos com a saúde do que o americano médio. Eles comem carne apenas cerca de três vezes por semana, sendo que metade destas vezes consomem

frango ou peixe. Depois há os pescovegetarianos (cerca de 8% do ESA-2), que apenas consomem peixe como proteína animal; em seguida vêm os ovo-lacto-vegetarianos (cerca de 32% do ESA-2), que não consomem carne ou peixe, mas que podem comer laticínios e ovos; e finalmente temos os Adventistas totalmente vegetarianos (cerca de 9% do ESA-2), que não comem nenhum produto animal.

Muitas das doenças comuns do meio e do final da vida são causadas por inflamação ao nível celular. Estas doenças incluem doença cardíaca, diabetes, muitos cancros e doenças autoimunes (como artrite reumatoide e lúpus sistémico). Todas as categorias de vegetarianos têm níveis baixos de proteína C reativa (PCR), um marcador de inflamação, especialmente os vegetarianos totais quando comparados com os Adventistas não vegetarianos. Além do mais, todos os vegetarianos têm um peso corporal acentuadamente menor (ajustado para a altura) quando comparado com os não vegetarianos. Isto é importante, pois o excesso de tecido gordo produz substâncias químicas que aumentam a inflamação. Os vegetarianos têm níveis inferiores de diabetes assinaláveis, uma doença mediada

**Muitas das doenças
comuns do meio
e do final da vida
são causadas por
inflamação ao nível
celular.**



pela inflamação na qual a insulina não age tão bem como deveria. Os nossos dados mostram que comer sobretudo alimentos vegetais está associado com uma melhor sensibilidade à insulina e que um ácido gordo ômega-3 oriundo de alimentos vegetais, o ácido alfa-linolênico (AAL, encontrado especialmente na soja, na linhaça, na chia e nas nozes), parece ser o responsável por isto. Temos visto que muito deste ácido parece estar no nível mais elevado no sangue e nos tecidos adiposos dos nossos vegetarianos totais.

Também analisámos o efeito aparente das carnes e dos laticínios. Não documentámos qualquer efeito adverso do peixe ou da carne de aves, exceto que, pelo menos no caso da carne de aves, pode ser muito importante o que se pode escolher *para a substituir* depois de ela ser eliminada. Temos provas de que as fontes vegetais de proteína que podem substituir a carne de aves, como

cereais integrais, legumes ou nozes, terão frequentemente propriedades protetoras que a carne de aves não possui. O peixe *pode* ter algumas propriedades protetoras. As carnes vermelhas, com as suas calorias densas, com a sua falta de fibra alimentar, com as suas gorduras saturadas e provavelmente com algumas das suas proteínas, aumentam o risco de excesso de peso, de diabetes *mellitus*, de doença cardíaca e de cancro colorretal (e talvez de outros cancros). Têm pouco que as recomende.

Queremos assinalar que os membros de igreja afro-americanos devem compreender que as nossas descobertas mostram que eles têm aproximadamente as mesmas tendências no tocante ao regime alimentar e à saúde que reportamos aqui. Há fortes evidências de que os padrões alimentares saudáveis são importantes na redução e na resposta às disparidades de saúde também entre os americanos negros.

Cancros

Três cancros são particularmente comuns em sociedades ocidentais: Cancro colorretal, cancro da mama em mulheres e cancro da próstata nos homens. Embora o estilo de vida recomendado pelos Adventistas possa não proteger contra todas as doenças crónicas, ele protege de muitas delas, o que basta para o tornar claramente benéfico.


Há bastantes evidências provenientes de muitas fontes de que a carne vermelha, particularmente a carne vermelha processada, aumenta o risco de cancro colorretal. Os resultados do ESA-2 são consistentes com estas conclusões. Também é de notar que os pesco-vegetarianos tinham um risco particularmente mais baixo de cancro colorretal e isso não é provavelmente o resultado do acaso. São necessários estudos adicionais para determinar se foi o peixe ou se foi outra característica dos pesco-vegetarianos que levou a este risco mais baixo.

Muitos estudos, incluindo o ESA-2, descobriram que os consumidores de laticínios têm um risco mais baixo de cancros colorretais, pelo que os vegetarianos totais, que não consomem laticínios, têm aqui um pouco menos de proteção do que os outros vegetarianos. Mas os nossos dados, indo um pouco mais fundo, sugerem que o impacto dos laticínios no cancro colorretal é provavelmente devido ao conteúdo de cálcio dos laticínios e o cálcio é algo facilmente encontrável numa vasta variedade de produtos vegetais.

Em ESA-2 notámos que dois cancros hormono-responsivos, o cancro da mama nas mulheres e o cancro da

próstata nos homens, eram 25 a 35 por cento menos comuns em vegetarianos totais, mas de modo nenhum menos frequentes em ovo-lacto-vegetarianos ou pesco-vegetarianos, quando comparados com não vegetarianos. Analisámos e reportámos tendências aparentemente claras de *aumento do risco* destes





dois cancros associado ao consumo de alguns laticínios, em particular o leite. Contudo, não encontramos efeito discernível no tocante ao consumo de queijo e de iogurte. A associação com o leite parece quase farmacológica, começando a acumular-se a partir de pequenas quantidades de consumo regular e a longo prazo. Os efeitos máximos (pelo menos um aumento do risco de 50%) foram alcançados com apenas $\frac{3}{4}$ de chávena por dia. Podemos especular que isto pode ser devido às hormonas sexuais das vacas, que se encontram em pequenas quantidades no leite, ou pode ser devido ao efeito da proteína do leite numa hormona designada IGF-1, que pode aumentar o risco do cancro da mama e do cancro da próstata. O leite magro e o leite gordo tinham quase o mesmo efeito, sugerindo que não é a gordura do leite que pode estar a causar o problema.

Em geral, os Adventistas vegetarianos têm cerca de 10% de risco menor de qualquer tipo de cancro, quando comparados com Adventistas não vegetarianos. Quanto aos tipos específicos de vegetarianos, os vegetarianos totais têm cerca de 20% de risco menor de qualquer tipo de cancro, os ovo-lacto-vegetarianos têm cerca de 10% de risco menor, os pesco-vegetarianos cerca de 15% de risco menor, cada um deles quando comparados com os Adventistas não vegetarianos. Mas quando comparamos todos os Adventistas com os *não Adventistas*, pelo menos há um risco mais baixo de 30%. Isto diz-nos que mesmo os Adventistas não vegetarianos que cuidam da sua saúde estão a obter alguns be-

Os Adventistas vegetarianos têm cerca de 10% de risco menor de qualquer tipo de cancro, quando comparados com Adventistas não vegetarianos.

nefícios e têm menos risco de cancro do que os americanos *não adventistas*.

Outras doenças

Embora o nosso foco tenha sido, sobretudo, a prevenção do cancro, aproveitámos também a oportunidade para explorar efeitos possíveis do estilo de vida num pequeno número de outras doenças. Não há dúvida de que os Adventistas vegetarianos estão em muito melhor situação do que os Adventistas não vegetarianos no tocante ao risco de diabetes, hipertensão e níveis de colesterol no sangue. Em todas estas situações de saúde, os vegetarianos totais são os que estão melhor, seguidos pelos ovo-lacto-vegetarianos e pelos pesco-vegetarianos. No entanto, descobrimos que os vegetarianos totais tendem a ter um maior risco de fraturas ósseas (e assim, presumivelmente, de osteoporose), mas isso pode ser facilmente mitigado com suplementação adequada de cálcio e de vitamina D. Para todos, atividade física vigorosa regular e proteína *animal ou vegetal* adequada (mas não excessiva) são geralmente suficientes para promover a saúde dos ossos.

As publicações recentes ligadas ao ESA-2 também indicam que a doença autoimune Lúpus sistémico é

Os regimes alimentares vegetarianos, tal como os praticamos atualmente, tendem especialmente para prevenir as mortes prematuras em idades mais jovens, permitindo a mais Adventistas alcançar idades mais avançadas.

menos prevacente nos vegetarianos, o que talvez esteja relacionado com um maior consumo de ácidos gordos ALA ómega-3. Isto é o resultado de trabalho preliminar que necessita de mais estudo para revelar mais conexões causais.

Um dos nossos relatórios que obteve muita atenção da imprensa concluiu que os Adventistas que espaçavam as suas refeições para que houvesse um longo “jejum” (de 16 horas) durante a noite tinham menos ganho de peso ao longo de várias décadas da vida adulta. Descobrimos igualmente que aqueles que preferiam fazer do pequeno-almoço a sua refeição principal também tiveram bons resultados neste aspeto. É digno de nota que o regime alimentar “16/8” para perda de peso, recentemente promovido, tornou-se popular e, para muitos, funciona bem sem gerar uma grande sensação de fome. Ter um pequeno-almoço



um pouco mais tarde e um jantar um pouco mais cedo, cerca de oito horas depois, é uma opção, embora outros planos de refeições com espaçamento semelhante sejam possíveis.

Mortalidade total

O foco final dos resultados do ESA-2 é sobre o modo como o regime alimentar se relaciona com a mortalidade – o risco de morte numa determinada idade. Frequentemente, como médicos, encontramos Adventistas idosos, muito cuidadosos com a saúde, que estão desencorajados e, por vezes, zangados porque agora sofrem de uma doença crónica. Embora possamos simpatizar com a sua angústia, vale a pena sublinhar que a proteção fornecida por um estilo de vida saudável é de um risco menor, não de uma ausência total de risco. Em segundo lugar, os Adventistas acabam por sofrer essencialmente das mesmas doenças dos outros. O be-



nefício é que estas surgem usualmente numa idade mais avançada. É por isso que vivemos mais, em média, e com melhor qualidade de vida.

Em idades mais precoces (cerca dos 65 anos), há um menor risco de morte *por qualquer causa* nos homens vegetarianos (cerca de 16 por cento mais baixo, especialmente em homens totalmente vegetarianos) e uma diminuição de 8 por cento no risco de morte nas mulheres, quando se compara com Adventistas não vegetarianos. No entanto, em anos mais avançados (digamos, 75 anos e mais) não encontramos provas claras de um benefício total de mortalidade para os vegetarianos enquanto grupo. Comparando os vários padrões alimentares, os pesco-vegetarianos e os ovo-lacto-vegetarianos parecem ter os melhores resultados na mortalidade geral total. Assim, parece que os regimes alimentares vegetarianos, tal como os pratica-

mos atualmente, tendem especialmente para prevenir as mortes prematuras em idades mais jovens, permitindo a mais Adventistas alcançar idades mais avançadas. No entanto, naqueles que sobreviveram todos esses anos, a vantagem nos totalmente vegetarianos e nos ovo-lacto-vegetarianos quanto à mortalidade total torna-se mais difícil de detetar. Algumas vantagens parecem persistir na idade avançada para os pesco-vegetarianos.

Uma área de preocupação potencial é o sinal de mortes acrescidas em vegetarianos relacionadas com doenças neurológicas (como AVC, demência e Doença de Parkinson), *mas apenas na idade avançada*. Estão a ser realizadas mais pesquisas para esclarecer melhor esta questão, especialmente no tocante aos nutrientes potenciais que poderão explicar esta diferença e que podem ser objeto de suplementação se houver provas de deficiência. No entanto, quando comparadas com a população do Censo nos EUA, as *mortes totais* em Adventistas vegetarianos e não vegetarianos estão estimadas em 33% e 22% mais baixas nas idades menos avançadas e nas idades mais avançadas, respetivamente.

O nosso corpo, na sua fisiologia e química, é maravilhosamente complexo, mas, ao envelhecermos, muitas funções corporais tendem a tornar-se menos eficientes. A vitamina B₁₂ é pior absorvida pelo estômago, por exemplo, e a pele realiza pior a formação da vitamina D a partir da interação com a luz solar. Os vegetarianos totais, e muitos ovo-lacto-vegetarianos, deveriam usar suplementos de B₁₂ ao envelhecerem.

Resumo

Em suma, é inequívoco que os Adventistas como grupo estão melhor na sua saúde do que os não Adventistas, e isto inclui os Adventistas não vegetarianos! Os Adventistas vegetarianos estão ainda melhor. Isto é especialmente verdadeiro para os peço-vegetarianos, para os ovo-lacto-vegetarianos e para os homens totalmente vegetarianos. Cada vez mais, muitos Adventistas estão a viver até uma idade avançada. Entretanto, nos nossos dados mais recentes e mais abrangentes, não encontramos qualquer vantagem clara na mortalidade geral (longevidade) para as mulheres totalmente vegetarianas, embora os homens vegetarianos estejam especialmente protegidos de mortes em idades precoces, quando comparados com os não vegetarianos.

Comparados com os não vegetarianos, os totalmente vegetarianos em especial, mas também os outros vege-

É claramente verdade que os Adventistas como grupo estão melhor na sua saúde do que os não Adventistas, e isto inclui os Adventistas não vegetarianos!

tarianos, estão particularmente bem, com menos doenças cardíacas, menos doenças renais, menos diabetes e menos hipertensão, o que permite que mais Adventistas cheguem a idades avançadas. Apesar disto, parece que para alguns nos seus anos mais avançados, a vantagem vegetariana pode ser compensada na medida em que os vegetarianos não apresentam resultados tão favoráveis quanto a doenças neurológicas, quando comparados com Adventistas não vegetarianos idosos consumidores de carne e peixe em doses reduzidas.

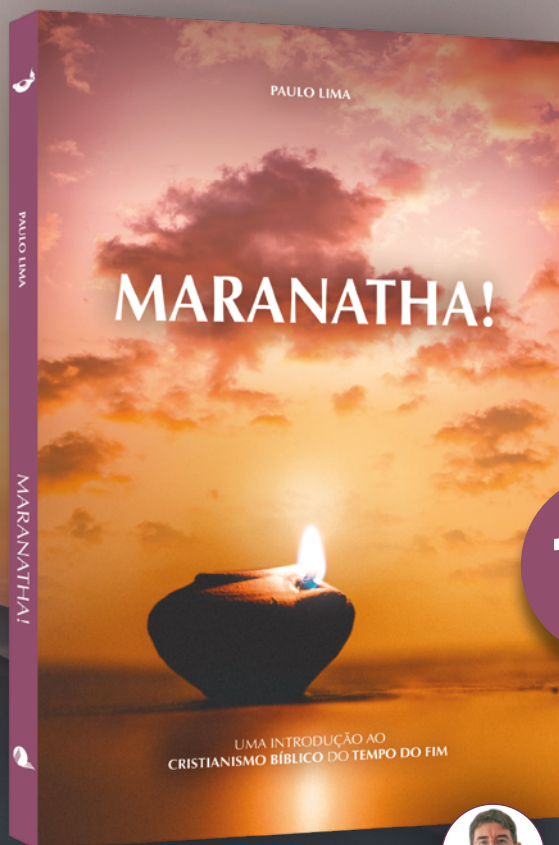
É evidente que o regime alimentar é algo muito complexo. A pesquisa médica e nutricional resulta numa constante mudança de enquadramento. O que iremos escrever daqui a dez anos será provavelmente diferente em parte do que escrevemos sobre o assunto hoje, mas temos esperança de que essas diferenças serão relativamente pequenas, tratando-se sobretudo de preencher as lacunas que existem na nossa compreensão presente. O que podemos dizer com confiança é que a “mensagem de saúde” adventista tem resultado em muitas centenas de milhares de anos de vida extra com qualidade para os membros da Igreja, ao longo das últimas cinco ou seis gerações.





COLEÇÃO
Luminários de fé

Adquira já!



Mensagem
do autor:



Compre aqui:



12€



AUTOR:
Paulo Lima

"Acredito que Maranatha! vai tornar-se numa obra de referência para quem procura uma compreensão aprofundada das doutrinas bíblicas e uma visão profética abrangente."

– Pedro Esteves, Licenciado em Teologia e Mestre em Liderança.

COMPREM WWW.PSERVIR.PT

+351 925 896 870

CLIENTES@PSERVIR.PT

+351 925 896 870

[f](https://www.facebook.com/pservir) [@PSERVIR](https://www.instagram.com/pservir)



—
Yvonne Johansson Oster
Historiadora

*Retirado da Adventist
Review de junho de 2024.*

John Matteson

O apóstolo improvável
do Adventismo

Foto: Arquivo da Conferência Geral
da Igreja Adventista do Sétimo Dia

John Gottlieb Matteson foi Pastor, editor e missionário pioneiro na Escandinávia. Tendo nascido em 1835 numa família luterana em Langeland, Dinamarca, ele teve a vantagem de receber uma boa educação literária e musical, aprendendo também inglês e alemão. Por sua iniciativa, ele, os seus pais e duas irmãs emigraram para os Estados Unidos da América em 1854 com um grupo de vinte outros dinamarqueses.

Em Nova Dinamarca, Wisconsin, a família construiu uma casa de troncos num terreno arborizado de 10 hectares.¹ Matteson foi convidado para uma reunião de oração por um vizinho. Graças a esta relação de amizade, ele leu um livro que o impressionou profundamente, pelo que se perguntou: “Por que não posso eu também tornar-me Cristão?” Gradualmente, isto levou à sua conversão pessoal em 1859.²

Matteson trabalhou com grande entusiasmo como pregador leigo. Ele matriculou-se na Faculdade Teológica Batista de Chicago em 1860. Depois de dois anos de estudo, foi ordenado como Pastor batista.³ Casou com Anna Sivertsen, uma norueguesa, e ambos partiram para o Wisconsin a fim de pregar a fé batista.⁴

Na primavera de 1863, ele conheceu P. H. Cady, um vizinho. Graças a este vizinho, Matteson ouviu falar do Sábado, que ele aceitou depois de meticuloso estudo bíblico. Ele pregou uma série de sermões durante seis meses para explicar a sua nova fé adventista à sua congregação batista. Toda a congregação, exceto uma família, seguiu-o na sua nova fé.⁵

Matteson tornou-se um pregador poderoso da mensagem do advento, enfatizando especialmente o amor de Deus.

Matteson tornou-se um pregador poderoso da mensagem do advento, enfatizando especialmente o amor de Deus. Ele orientou reavivamentos e estabeleceu igrejas entre os Escandinavos no Wisconsin, no Michigan, no Illinois, no Iowa e no Kansas.⁶ Uma igreja adventista dinamarquesa foi fundada por Matteson em Poy Sippi, Wisconsin. O primeiro edifício de igreja adventista destinado a albergar uma congregação de língua norueguesa foi construído em Chicago, devido a reuniões de reavivamento dirigidas por Matteson.⁷

Matteson preparou folhetos, panfletos e editou um hinário em dinamarquês-norueguês. Em 1872, *Advent Tidende (O Arauto do Advento)*, uma revista em dinamarquês-norueguês, foi lançada, sendo a primeira publicação adventista numa língua diferente do inglês.⁸ Quando apelos urgentes solicitaram um obreiro para a Escandinávia, Matteson relutou.⁹ “É um grande sacrifício da minha parte”, disse ele. “Não há empreendimento que eu tenha sido tão lento a decidir como este.” Temendo que a Causa viesse a sofrer se ele não fosse, confiou que Deus iria dirigir e abençoar a obra.¹⁰



A primeira igreja adventista foi organizada em Alstrup, Dinamarca, em maio de 1878. Não só a sua pregação estabeleceu várias pequenas igrejas adventistas, mas ele também pregou sobre temperança com grande sucesso. Os discursos fogosos de Matteson sobre temperança possibilitaram a organização de uma Sociedade de Temperança em 1877, a primeira na Dinamarca. A Associação Dinamarquesa foi estabelecida em 30 de maio de 1880, sendo a primeira Associação fora dos Estados Unidos.

Em 1878, Matteson passou à Noruega. Em Cristiania (Oslo), ele começou uma série de conferências que agitaram a cidade. Matteson realizou reuniões regulares todos os domingos à noite durante dois meses,

Matteson apresentou a fé adventista como digna sucessora da Reforma Protestante.

no decurso das quais cerca de 1000 a 1200 ouvintes estiveram presentes. Matteson apresentou a fé adventista como digna sucessora da Reforma Protestante.

Em 11 de janeiro de 1879, um grupo de 34 pessoas assinou o convênio de criação de uma igreja, a “Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia em Cristiania”.

Em 1880, Matteson publicou um novo periódico, *Sundhedsbladet*, uma revista de saúde, a primeira do gênero no país. A Igreja do Estado exigiu que



Matteson adquirisse uma propriedade. Em maio de 1885 foi construída uma espaçosa igreja em Akersgatan 74, com salas de tratamento na cave; a imprensa da editora adventista também foi sediada ali.

Matteson oficiou a organização da primeira igreja adventista do sétimo dia na Suécia em 28 de agosto de 1880, em Grythytted. A Associação Sueca foi estabelecida em 1882 em Örebro.¹¹

Em 1884, Matteson e Olaf Johnson realizaram uma campanha evangelística em Estocolmo. A falta de material religioso em sueco era grande. Matteson tentou publicar folhetos e uma revista sobre saúde. Eventualmente, o seu livro intitulado *As Profecias de Jesus* foi publicado em sueco, primeiro nos Estados Unidos da América para os Americanos que falavam sueco, sendo depois enviado por estes para familiares na Suécia.

Um dos objetivos de Matteson era aumentar o número de obreiros, o que ele conseguiu fazer através de escolas missionárias, que funcionavam durante alguns meses todos os anos. Matteson percebeu que a perspectiva de espalhar literatura adventista era mais forte na Suécia do que na Dinamarca ou na Noruega, pelo que fez com que uma sucursal da casa publicadora escandinava sediada em Cristiania fosse instalada em Estocolmo.¹²

Quando Ellen G. White visitou a Escandinávia, entre 1886 e 1888, ela tinha razões para ficar impressionada com a rapidez do processo de evangelização que Matteson tinha lançado nos três países. Apesar de

ter poucos obreiros preparados, tinha sido organizada uma Associação em cada país, a obra da colportagem florescia, foram publicadas revistas e foram ganhas pessoas para a mensagem adventista. Apenas em Estocolmo, o número de membros subiu de seis para sessenta durante um inverno em que Matteson realizou campanhas evangelísticas.¹³

A primeira Reunião Campal na Europa, realizada em Moss, Noruega, em 1887, foi uma iniciativa de Matteson. A presença de Ellen G. White e de W. C. White, de S. N. Haskell e de outros líderes adventistas tornou-a a primeira reunião adventista importante na Escandinávia.¹⁴

A saúde de Matteson estava debilitada e, na primavera de 1888, ele e a sua família regressaram aos Estados Unidos da América, onde ele realizou Escolas Bíblicas em Chicago, foi Secretário itinerante, realizou amplo trabalho editorial e terminou os seus últimos três anos de vida como Professor de Bíblia no *Union College* do Nebraska, frequentado pelos america-

Apenas em Estocolmo, o número de membros subiu de seis para sessenta durante um inverno em que Matteson realizou campanhas evangelísticas.



nos escandinavos adventistas. Alguns dos alunos de Matteson tornaram-se líderes da Igreja em ambos os lados do Atlântico, enquanto outros partiram para evangelizar campos missionários no estrangeiro.¹⁵

Matteson faleceu em 30 de março de 1896, em Santa Mónica, Califórnia, enquanto visitava um dos seus filhos, a fim de recompor a sua saúde frágil.¹⁶

Ellen G. White comentou o seguinte após a sua morte: “O Pastor Matteson, que agora dorme em Jesus, uniu-se com o Seu Salvador como seu auxílio e organizou uma escola de jovens de ambos os sexos. Sob a sua direção, os alunos trabalharam nobremente. Que obra foi realizada! Que multidão de livros foi vendida! E quantos se uniram à Igreja!”¹⁷

1 *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), s. v. “Matteson, John Gottlieb (1835-1896).”

2 J. G. Matteson, *Matteson Liv* (International Publishing Association, 1908), pp. 53-59. Reimpressão fac-similada, Dansk Bogforlag, 1972.

3 *Idem*, pp. 73-81.

4 *Idem*, pp. 82-86.

5 *Ibidem*, pp. 98-104.

6 *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), s. v. “Matteson, John Gottlieb (1835-1896).”

7 Matteson, p. 135.

8 *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), s. v. “Matteson, John Gottlieb (1835-1896).”

9 *Review and Herald*, 12 de abril de 1877, p. 119.

10 *Review and Herald*, 19 de abril de 1877, p. 124.

11 W. A. Spicer, *The Story of Our Missions* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1921), p. 110.

12 Matteson, pp. 264 e 265; *Historical Sketches*

of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists (Basle: Imprimerie Polyglote, 1886), p. 189.

13 Matteson, pp. 256 e 257.

14 *Idem*, pp. 267-269.

15 O. A. Olsen, “Another Faithful Leader Fallen”, *Review and Herald* 73, nº 15 (1896), p. 234.

16 *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (1996), s. v. “Matteson, John Gottlieb (1835-1896).”

17 Ellen G. White, *Manuscript Releases* (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1990), Vol. 7, p. 315.

O Sábado no Tempo do Fim

Reflexões sobre o papel escatológico do quarto mandamento.



Ángel Manuel Rodríguez
Teólogo

Retirado da Revista Adventista brasileira de janeiro de 2026.

A escatologia adventista confere ao quarto mandamento um papel significativo pouco tempo antes da vinda de Cristo. Esta ênfase escatológica específica levanta, pelo menos, uma questão: Quais são os fundamentos que nos permitem atribuir essa importância ao Sábado? Seguidamente, apresento algumas sugestões que podem ser úteis para responder à nossa pergunta. Estas ideias pressupõem o entendimento da narrativa do querubim celestial caído (Isaías 14:12-14; Ezequiel 28:12-19), que desafiou a integridade do caráter divino (cf. Gênesis 3:4 e 5; João 1:8-11) e procurou ser como Deus, afirmando ser um objeto legítimo de adoração (Mateus 4:8-10).

O amor de Deus

Embora seja mencionado como lei, o Sábado confirma a veracidade do Evangelho eterno e ordena-nos a sua lembrança. O quarto mandamento é o único que identifica Deus explicitamente, referindo-se às Suas duas obras mais importantes: Criação (Êxodo 20:8 e 11) e redenção (Deuteronómio 5:15).

Quais são as semelhanças entre criação e redenção? Há muitas, mas citarei apenas algumas. Elas são o resultado da obra do Filho de Deus (João 1:1-3, 14; Romanos 3:23 e 24), o que exige uma interpretação cristológica de ambas (cf. Colossenses 1:15-20). São obras únicas de Deus realizadas por intermédio do Seu Filho e estão envolvidas num aspeto essencial do Evangelho: Não são fruto de esforços humanos (Romanos 3:20).

A Criação e a Redenção são as duas manifestações mais poderosas da

O Sábado é uma prova maravilhosa do amor de Deus como Criador e Redentor.

ação divina que conhecemos. A imensidão do Universo indica que a sua origem foi uma esplêndida manifestação do poder de Deus. A manifestação incomparável da Sua graça salvadora (Romanos 5:20) é o envolvimento pessoal e direto do Senhor na obra da redenção por intermédio de Cristo, que possibilita a restauração de cada indivíduo à comunhão permanente com Ele.

Uma das principais semelhanças entre criação e redenção é que ambas expressam o amor divino. O Deus que criou tudo por amor deu-nos o Sábado para nos lembrar de que Ele é um criador amoroso. O Deus que nos redimiu por meio do amor e da graça concedeu-nos o Sábado como um lembrete de que a redenção é um dom do Seu amor e da Sua graça. O Sábado é uma prova maravilhosa do amor de Deus como Criador e Redentor.

Assim, não surpreende que, no fim do conflito cósmico, o Sábado se torne um alvo dos ataques das forças malignas que se opõem ao Evangelho da salvação por meio da fé em Cristo (Apocalipse 12:4; 14:8). Elas tentarão alcançar isso por meio da marca da besta. Satanás tem por objetivo silenciar o testemunho do Sábado, que representa o primeiro ato de amor divino na história do mundo e do Evangelho da salvação, que é realizado pelo

amor sacrificial de Cristo (Apocalipse 14:13; 13:15). Contudo, o testemunho do Sábado não será calado.

O caráter de Deus

O querubim caído parece acreditar que modificar o quarto mandamento seria um meio eficaz para alcançar os seus propósitos malignos. Desde o início, ele esteve em conflito aberto contra a vontade de Deus, mas a sua hostilidade contra a lei é claramente exposta na literatura apocalíptica (cf. Daniel 7:25; II Tessalonicenses 2:3 e 4, 7 e 8). A sua oposição à lei divina disfarça um ataque direto contra o Senhor.

Como o Decálogo reflete verbalmente o caráter divino, qualquer mudança na lei representa um ataque à integridade e à perfeição desse caráter, insinuando que Deus não é quem afir-

ma ser, conforme a serpente sugeriu a Eva (Gênesis 3:4 e 5). Se houvesse necessidade de alterar a lei de Deus, isso indicaria claramente que a lei, e assim o Legislador, estava em falta e necessitava de aprimoramento. Como resultado, Lúcifer parece defender que desobedecer a uma lei imperfeita é legal e moralmente aceitável.

A alteração mais significativa aconteceu quando se procurou substituir a observância do Sábado pela guarda do domingo. Desta forma, Satanás procurava desacreditar o caráter divino e exibir a sua autoridade sobre a lei. Ao aceitar a mudança e ao obedecer ao “mandamento” modificado, os seres humanos negam, de facto, a integridade do caráter amoroso de Deus. Isto justifica a relevância do Decálogo, que reflete o caráter do Senhor, no livro do Apocalipse (Apocalipse 12:17; 14:12).



Sábado e adoração

Mudar o quarto mandamento, trocando o dia de descanso e de adoração, resultaria na adoração de um falso Deus. É importante ter em mente que o mandamento do Sábado não diz respeito ao descanso num dia comum, mas está ligado a um dia sagrado. Este é o tempo em que Deus e os fiéis se encontram, libertando os observadores do Sábado das preocupações com a produtividade ou as obras humanas. Entramos nesse período sagrado para estar em comunhão com o nosso Criador e Redentor, adorando-O. De facto, o sétimo dia, o Sábado, é um “templo no tempo” que foi divinamente estabelecido para a adoração a Deus.

Atualmente, a maior parte do mundo cristão considera o domingo como o dia verdadeiro de culto. Parece que o objetivo de Satanás foi alcançado: Ele mudou a lei no ponto em que ela se encontra com a adoração. De facto, lei e adoração são inseparáveis; portanto, mudar o quarto mandamento leva à idolatria. Isto é incrivelmente engenhoso e extremamente enganador!

Ao modificar o quarto mandamento, o querubim caído parece ter alcançado o seu objetivo: Desacreditar o carácter divino e tornar-se objeto de adoração. Para ele, o Sábado tem de acabar! Assim, é imprescindível que a Humanidade ouça novamente o Evangelho da salvação por meio da fé em Cristo, que não contraria a lei divina expressa no Decálogo. A perpetuidade da lei deve ser proclamada não como um instrumento de salvação, mas como prova da salvação por meio da fé em Cristo.

Atualmente, a maior parte do mundo cristão considera o domingo como o dia verdadeiro de culto. Parece que o objetivo de Satanás foi alcançado.

Sinal de lealdade

O Sábado ocupa o centro do Decálogo e a sua singularidade e especificidade tornam-no *um sinal ideal de lealdade a Deus*. No idioma hebraico, o Decálogo, conforme apresentado em Êxodo 20:3-17, é composto por 152 palavras. Para encontrar o centro, basta dividir 152 por dois, o que resulta em 76 palavras para cada secção. O versículo 10 é o centro do Decálogo. A 76ª palavra é “sétimo”, enquanto na outra secção é “Sábado”. A frase seguinte está no centro do Decálogo: Mas o sétimo dia é um Sábado “pertencente ao Senhor”, “em honra do Senhor” ou “para o Senhor”.

Sob a perspetiva literária, a frase específica ocupa o centro dos Dez Mandamentos e, considerando o que sabemos sobre a narrativa bíblica do Sábado, isso não é uma coincidência. Sabemos que a referida frase adquiriu grande relevância na história da observância do Sábado. A especificidade do mandamento, expressa na frase “o sétimo dia é o Sábado”, perturbou tanto o mundo cristão que se optou por removê-la, sob a justificação de que o “sétimo dia” é um elemento ritual do



quarto mandamento sem nenhuma relevância para os Cristãos.

Contudo, é exatamente a especificidade do mandamento – ser o sétimo dia – que o torna um sinal de fidelidade ao Senhor no meio do conflito cósmico e que enfatiza o privilégio humano de viver em comunhão com esse Deus santo. Satanás exige lealdade exclusiva e opõe-se ao sinal de fidelidade a Deus no tempo do fim, oferecendo ironicamente um falso sábado, o primeiro dia da semana, como sinal de lealdade a ele: A marca da besta (Apocalipse 13:16). Entretanto, a lei de Deus é perfeita (Salmo 19:7) e inalterável, pois reflete o caráter divino.

Conclusão

O papel escatológico do Sábado no tempo do fim está ligado ao propósito divino de que ele sirva como testemunho do Evangelho da salvação por meio da fé em Cristo. Isto é inaceitável

para o querubim caído, que tenta divulgar o seu evangelho falso. As forças do mal opõem-se ao Sábado bíblico, pois ele serve como um lembrete constante para a Humanidade de que a criação e a redenção são as expressões mais significativas do amor divino.

O Sábado associa um mandamento específico à verdadeira identidade do objeto de adoração, e essa particularidade converte-o num sinal visível e efetivo de fidelidade ao Cordeiro, num período em que as forças malignas batalham contra Ele, contra a Sua lei e contra o Seu caráter.

Assim, a observância do Sábado pelo povo de Deus servirá como um sinal, um testemunho dado ao mundo, para demonstrar que o Criador e Redentor é um Deus amoroso e cheio de misericórdia, e que o descanso é encontrado por meio da fé em Cristo. O Cordeiro de Deus vencerá a oposição escatológica contra Ele (Apocalipse 17:14).

Herança Missionária

Histórias de Coragem e Sacrifício.



David Trimm
*Diretor do Departamento
de Arquivos, Estatísticas e
Pesquisa da Conferência Geral*

*Retirado da Revista
Adventista brasileira de
outubro de 2024.*

John Nevins Andrews e os seus filhos, Charles e Mary, foram os primeiros missionários enviados pela Igreja para um território estrangeiro. Mas eles não foram os únicos. Em dezembro de 1875, o Pastor adventista canadiano Daniel Bourdeau e a sua esposa, Marion, também foram enviados à Suíça para ajudar Andrews. Além disso, John Matteson, um Pastor americano de origem dinamarquesa, e a sua esposa, Anna, foram os primeiros missionários adventistas enviados para o território escandinavo, em 1877. Em 1878, foi a vez de John Loughborough e a sua esposa, Maggie, seguirem rumo à Grã-Bretanha, sendo os primeiros missionários adventistas naquela região. Enquanto isso, em novembro de 1877, William e Jennie Ings foram enviados para a Suíça, acompanhados de outra missionária, Maud Sisley, para ajudar Andrews. Outros lhes sucederam na Suíça, na Escandinávia e na Inglaterra.

Ao mesmo tempo, em 1878, Herbert Ribton, um missionário independente, foi para o Egito com a sua esposa, Adelaide, e com a sua filha, Nina. Porém, cerca de quatro anos depois, ele foi assassinado e a missão no Egito foi abandonada. Em 1885, os pri-

É notável que, apesar das circunstâncias difíceis, nunca faltaram novos voluntários para substituir aqueles que caíram no cumprimento do dever.

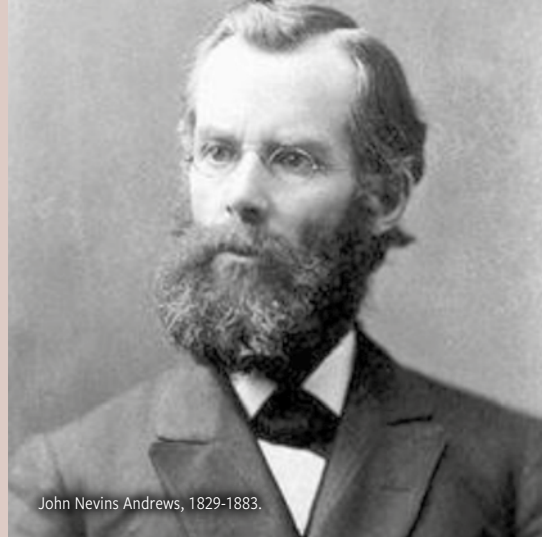


Foto: Ellen G. White Estate

John Nevins Andrews, 1829-1883.

meiros missionários oficialmente enviados pela nossa Denominação para fora da Europa partiram da América do Norte para a Austrália. Tratava-se de um grupo liderado por Stephen Haskell. Dois anos depois, outra equipa seguiu para a África do Sul, sob a liderança de Dores Robinson e da sua esposa, Edna.

Assim, os Adventistas do Sétimo dia estabeleceram uma presença em quatro continentes. Contudo, dificuldades administrativas e financeiras fizeram com que o ritmo da expansão missionária diminuísse na década de 1890. Uma grande reorganização denominacional focada na missão ocorreu nas Assembleias da Conferência Geral de 1901 e 1903. A partir de então, o número de missionários enviados a cada ano aumentou significativamente. Este contingente continuou a crescer nas sete décadas seguintes, exceto durante as duas guerras mundiais e durante o período da Grande Depressão económica, no fim da década de 1920.

No entanto, à medida que mais missionários eram enviados, as perdas



Watson, Joseph H. (1869-1903) e Mabel Edith (Aldrich) (posteriormente Bailey) (1876-1964)

humanas também aumentavam. No início do século XX, a missão mundial implicava trabalhar em lugares onde as doenças tropicais eram endêmicas. Como não havia cura para algumas dessas doenças, muitos missionários morreram precocemente. É notável que, apesar das circunstâncias difíceis, nunca faltaram novos voluntários para substituir aqueles que caíam no cumprimento do dever. Também é extraordinário o facto de, ao se verem diante da própria morte ou ao perderem entes queridos, os missionários enfatizarem a necessidade de mais pessoas para continuarem o trabalho.

Em junho de 1903, por exemplo, Joseph Watson, a sua esposa, Mabel, e o seu filho, Romaine, chegaram à Estação Missionária de Malamulo, no Maláui, em África. Infelizmente, pouco tempo depois, Joseph contraiu malária cerebral e morreu a 11 de dezembro de 1903. Após ter servido apenas seis meses como missionário, ele foi enterrado em Malamulo.

Numa carta escrita pouco antes da sua morte, Joseph declarou: “Estou convencido de que este grande continente de África não será avisado da vinda do Senhor sem muito trabalho árduo e sacrifício genuíno. Mas muitos parecem pensar que o Senhor realizará milagres maravilhosos enquanto ficamos parados, observando os resultados.”

Em 1905, Charles Enoch foi com a sua esposa e uma criança pequena para as Antilhas. A família desembarcou em Barbados em novembro de 1905 e abriu salas de tratamento em Bridgetown. Em 1906, eles mudaram-se para Porto de Espanha, em Trinidad, 320 quilómetros a sudoeste, onde George, o irmão de Charles, servia desde 1901. Eles chegaram a abrir um novo espaço de atendimento médico no local, mas Charles contraiu febre amarela em 1 de fevereiro de 1907 e morreu quatro dias depois. Ele estava nas Caraíbas há pouco mais de 14 meses (D. J. B. Trimm, *A Living Sacrifice: Unsung Heroes of Adventist Missions*, Pacific Press, 2019, pp. 50 e 51).

Que a semente de uma vida consagrada, colocada na prática do dever e do sacrifício pessoal, seja regada por Deus para produzir uma gloriosa colheita.

George Enoch escreveu o seguinte sobre o seu irmão: “Sou grato por ele ter morrido no seu posto de dever [...]. Não temos nada a lamentar, mas consideramos este luto como mais um elo para unir a nossa vida ao altar do esforço missionário.” A sua verdadeira preocupação fica evidente quando ele afirma: “Ainda assim, um pensamento assalta-nos fortemente: Será que esta filial da obra nas Antilhas, pela qual lutámos juntos tão arduamente para estabelecer, será agora deixada a definhar por falta de obreiros consagrados?”

Outro caso emblemático é o de Maude Amelia Thompson e de Harry W. Miller, que foram colegas de turma na Faculdade Médico-Missionária Americana. Logo depois de se formarem em Medicina, eles casaram-se a 2 de julho de 1902 e, em 1903, foram chamados para servir na China. Pessoas que conviveram com eles no campo missionário relatam que Maude preferia usar trajés chineses e “trabalhava arduamente para aprender a língua e ensinar o evangelho, além de cuidar de um grande número de crianças e mulheres doentes” que procuravam algum tipo de tratamento todos os dias.

Menos de dois anos depois de terem chegado ao país, Maude contraiu

espru tropical, uma doença com sintomas horríveis. Mesmo nesse momento difícil, todos se surpreendiam com a sua esperança e coragem. “Embora não entendamos o motivo”, relataram os seus colegas de missão, “sabemos que os caminhos de Deus estão acima dos nossos caminhos. Que a semente de uma vida consagrada, colocada na prática do dever e do sacrifício pessoal, seja regada por Deus para produzir uma gloriosa colheita de pessoas na China antes da breve vinda do nosso Rei” (*A Living Sacrifice*, pp. 58 e 59).

Os exemplos e os sentimentos são comoventes. Que o espírito de coragem e de sacrifício que caracterizou os primeiros missionários adventistas esteja vivo na Igreja hoje, para que as Três Mensagens Angélicas possam ser corajosamente proclamadas em todo o mundo.



Harry e Maude Miller na altura do seu casamento em 1902.

Foto: Arquivos da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

**Em que Alfabeto
Terá Escrito Deus
as Tábuas da Lei?**

Alguns autores sustentam que Moisés não foi o autor dos cinco primeiros livros da Bíblia (em particular do livro de Deuteronomio), tradicionalmente datados no contexto do Êxodo, entre 1450 e 1400 a.C., propondo antes que estes textos foram redigidos mil anos mais tarde, por sacerdotes e escribas durante o exílio babilônico, com o intuito de construir uma narrativa identitária para o povo de Israel.

Esta teoria, desenvolvida no fim do século XIX, assentava, entre outros argumentos, na ideia de que não existia, na época atribuída a Moisés, um sistema alfabético semítico, suficientemente difundido, que permitisse a redação destes textos (Rendtorff, 1990: 11).

Contudo, o avanço da investigação arqueológica veio demonstrar que afinal, nesse período, já havia uma forma arcaica de escrita alfabética ao alcance de Moisés, e na qual as próprias tábuas da Lei poderiam ter sido escritas pelo dedo de Deus, com o propósito de serem compreendidas, lidas e transmitidas ao povo, ao longo de gerações.

Embora a narrativa bíblica não especifique nada sobre o sistema de escrita utilizado, importa recordar que Moisés foi educado no palácio do faraó, estando *“instruído em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em suas palavras e obras”* (Atos 7:22), sendo credível que conhecesse a escrita hieroglífica e hierática do Antigo Egito. Ainda assim, permanece em aberto a questão de saber se teria recorrido a esse tipo de escrita para registrar as narrativas do Génesis ou utilizado outro sistema gráfico arcaico.

O avanço da investigação arqueológica veio demonstrar que afinal, nesse período, já havia uma forma arcaica de escrita alfabética ao alcance de Moisés.

Os hieróglifos, termo de origem grega que significa literalmente “gravação sagrada”, constituíam um sistema complexo composto por cerca de 800 sinais pictográficos distintos, representando palavras ou ideias, sendo utilizados sobretudo em contextos religiosos, oficiais e monumentais. Paralelamente, desenvolveu-se a escrita hierática, uma forma cursiva adaptada ao uso de tinta em papiro, destinada igualmente a usos administrativos e sagrados. A complexidade de ambas fazia com que o seu domínio permanecesse limitado a uma reduzida elite de escribas e de sacerdotes (Goldwasser, 2006: 121).

Neste contexto, afigura-se pouco provável que Moisés tivesse usado estes sinais sagrados do mundo pagão egípcio, por serem inacessíveis ao povo e por estarem conotados com o universo religioso que os hebreus repudiavam, não sendo admissível a redação das tábuas sagradas da lei com este sistema gráfico. Tem de se colocar a hipótese da utilização de outra tradição escrita, mais adequada à língua semítica falada pela população hebraica.

A questão da identificação do alfabeto em que teriam sido gravadas as tábuas da Lei que Moisés leu ao povo,

bem como do sistema de escrita que terá sido utilizado, posteriormente, na redação dos livros do Pentateuco, em meados do II milénio a.C., reduz-se a um conjunto muito limitado de possibilidades. À época, a única alternativa relevante seria a escrita cuneiforme da Mesopotâmia, originalmente desenvolvida pelos sumérios e adaptada posteriormente a outras línguas, como o hitita (Anatólia), ougarítico (Síria) e o acádio (Assíria e Babilónia). Todavia, tratava-se de um sistema distante do universo linguístico semítico ocidental, de difícil aprendizagem e incompreensível para o grupo hebraico.

A solução poderá encontrar-se nas descobertas realizadas no início do século XX, nas minas de turquesa de Serabit el-Khadim, na Península do Sinai, onde foi identificado um conjunto de inscrições até então desconhecidas. Estes testemunhos epigráficos foram posteriormente designados

pelo arqueólogo Flinders Petrie como “escrita protossinaítica”. Ele descreveu-a inicialmente como “bárbara”, devido ao seu aspeto grosseiro quando comparado com a elegância formal da escrita egípcia clássica, identificando nela uma estrutura de natureza alfabética. Falta, porém, dar o passo decisivo na sua interpretação linguística, uma vez que não conseguiu estabelecer o valor fonético dos caracteres, nem compreender a língua que representavam. Esse avanço só seria alcançado mais tarde por Alan Gardiner, em 1916.

Nas últimas décadas, comprovou-se que estes caracteres constituem um dos mais antigos sistemas alfabéticos do mundo, anterior ao fenício, ao aramaico e ao hebraico. Alguns autores designam-no como “alfabeto inicial” ou “cananeu primitivo”, entendendo-o como a transição entre a escrita ideográfica egípcia e um verdadeiro sistema fonético.

Fig. 1 - Estatueta egípcia em pedra, representando uma esfinge, com inscrição protossinaítica (© The Trustees of the British Museum).





Fig. 2 - Laje de pedra com a inscrição protossinaítica n.º 349, encontrada em Serabit el-Khadim (Sinai) (In Butin, 1928: Plate II).

Ao contrário da complexidade da escrita egípcia, que exigia o domínio de centenas de pictogramas, este alfabeto rudimentar utilizava apenas vinte e dois sinais, copiados dos motivos hieroglíficos, com base no princípio de que cada sinal adquire o som inicial da respetiva palavra semítica que representa. Entre os exemplos frequentemente citados encontra-se o hieróglifo da “água”, que passou a estar associado ao som *m*, uma vez que água em semítico se diz *mayim*; ou o sinal hieroglífico de “casa”, convertido na letra *b*, a partir de *bet*, que é a palavra semítica para casa (Gardiner, 1916: 14).

Desta forma, um número limitado de caracteres permitiu representar todos os sons fundamentais da língua semítica e construir qualquer palavra escrita. Ainda que tenha sido inspirado no modelo egípcio, o protossinaíti-

co distancia-se claramente da tradição hieroglífica, dando origem a um sistema de escrita consonântica mais funcional.

Acredita-se que esta escrita resultou da interação prolongada das populações asiáticas com o mundo egípcio, favorecida pela posição estratégica do Sinai como zona de contacto entre o vale do Nilo e Canaã (Gardiner, 1916: 13-14). Neste contexto, terá surgido este sistema gráfico local, adaptado às necessidades linguísticas das comunidades semíticas presentes nestas minas: Escravos, assalariados, comerciantes e outros grupos oriundos da Canaã, em contacto com soldados e agentes da administração egípcia, durante o II milénio a.C..

Estas inscrições, gravadas nos monumentos e nas paredes rochosas das galerias mineiras, são difíceis de ler, em grande parte devido à irregularidade da superfície rochosa, que condiciona a execução dos sinais e compromete a sua legibilidade. Esta circunstância deve-se ao facto de terem um carácter eminentemente prático, associado ao quotidiano das comunidades ali presentes, servindo para registar os nomes próprios de quem por ali passou e para escrever dedicatórias ou pedidos de proteção divina (Albright, 1966: 16-29).

Um número limitado de caracteres permitiu representar todos os sons fundamentais da língua semítica e construir qualquer palavra escrita.

Ao tornar a escrita acessível, abriu-se a possibilidade de preservar, de forma mais duradoura, a sua memória coletiva. Sem ela, as tradições religiosas de Israel ter-se-iam mantido apenas na oralidade, sujeitas às inevitáveis alterações do tempo e da transmissão humana.

A cronologia destas inscrições continua, contudo, a ser debatida. A maioria dos investigadores tende a situá-las em torno de 1800 a.C., porque foram encontradas associadas a hieróglifos egípcios que podem ser datados com maior segurança (Parker, 2022: 269). Essa proximidade levou muitos autores a considerar que ambas as manifestações epigráficas pertencem, em linhas gerais, ao mesmo horizonte cronológico.

Sabendo-se que este sistema terá sido desenvolvido por populações semíticas oriundas de Canaã, envolvidas na exploração mineira do Sinai, é plausível admitir a presença de diversos grupos, entre os quais poderiam incluir-se proto-Israelitas. Douglas Petrovich chega a propor que a língua das inscrições seria hebraica e que os Hebreus teriam sido os inventores deste antigo sistema alfabético (2016: 193), identificando inclusivamente o nome de Moisés numa das inscrições (n.º 361/367). No entanto, as tentativas de associar diretamente estas ins-

crições a figuras bíblicas, como José ou Moisés, não reúnem consenso na comunidade científica e devem ser encaradas com reservas.

Sendo os Israelitas um povo semita, é legítimo colocar a questão do seu eventual papel neste processo, embora essa correlação não esteja ainda esclarecida. Nesta fase histórica, a distinção entre Cananeus e Hebreus é ainda difícil de estabelecer, uma vez que partilhavam língua e traços culturais semelhantes.

Ainda assim, é amplamente reconhecido que estas inscrições marcam um momento fundamental na história da escrita, cujas consequências ultrapassaram em muito o seu contexto original, gerando a passagem de sistemas complexos e restritos para formas de escrita mais simples e amplamente acessíveis, tornando-se a base dos alfabetos do Próximo Oriente e, posteriormente, do mundo ocidental (Gardiner, 1916: 14).

Vários estudos apontam para a existência desta continuidade e, hoje, considera-se que o protossinaítico representa a fase embrionária de um modelo alfabético que, mais tarde, seria desenvolvido nas inscrições proto-cananeias e, posteriormente, nos alfabetos fenício, paleo-hebraico e aramaico, num processo gradual de transformação gráfica e linguística ao longo dos séculos (Goldwasser, 2006: 133).

Não deixa de ser significativo o facto de esta escrita ter surgido precisamente na região do Sinai. Foi provavelmente a simplicidade deste novo sistema alfabético que permitiu aos Hebreus, durante a sua permanência

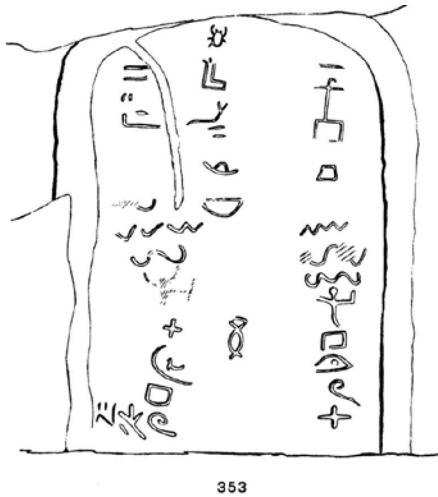


Fig. 3 – Decalque da inscrição protossinaítica n.º 353
(In Gardiner, 1916: Plate III, p. 12).

no deserto, aceder a um sistema de escrita mais fácil de ensinar às crianças e de ser compreendido por um número mais vasto de pessoas, favorecendo a transmissão e a difusão de textos sagrados no seio da comunidade hebraica.

Durante muito tempo, sustentou-se que, na época de Moisés, não existia um sistema de escrita adequado. No entanto, a descoberta e o estudo destas inscrições alfabéticas protossinaíticas, redigidas cerca de quatro séculos antes do Êxodo, sugerem que esse sistema de escrita poderá muito bem ter surgido no momento certo da história

do povo de Deus. Ao tornar a escrita acessível, abriu-se a possibilidade de preservar, de forma mais duradoura, a sua memória coletiva. Sem ela, as tradições religiosas de Israel ter-se-iam mantido apenas na oralidade, sujeitas às inevitáveis alterações do tempo e da transmissão humana.

Considerando a formação de Moisés na corte egípcia, é plausível que tivesse tido contacto com diferentes sistemas de escrita em vigor na altura, incluindo eventuais formas proto-alfabéticas de base semítica que circulavam em certos contextos sociais inferiores. Esse eventual conhecimento poderá ter facilitado a propagação das tradições orais a todo o povo, tornando possível a redação de leis, ritos e memórias históricas associadas aos patriarcas, que posteriormente foram levadas para a Terra Prometida, numa escrita partilhada por todas as tribos e numa língua comum aos povos de Canaã.

A própria Bíblia, enquanto conjunto de textos preservados ao longo de gerações, dificilmente teria chegado até nós na forma em que hoje a conhecemos. Foi a escrita que permitiu fixar a palavra e assegurar a continuidade de uma herança espiritual que atravessou milénios.

Bibliografia:

- ALBRIGHT, William Foxwell (1966) – “The Proto-Sinaitic Inscriptions and their Decipherment”. *Harvard Theological Studies*, 22. Cambridge: Harvard University Press.
- BUTIN, Romain F. (1928) – “The Serâbit Inscriptions: II. The Decipherment and Significance of the Inscriptions Source”. *Harvard Theological Review*. 21:1, Cambridge University Press, pp. 9-67.
- GARDINER, Alan H. (1916) – “The Egyptian Origin of the Semitic Alphabet”. *The Journal of Egyptian Archaeology*. 3:1, pp. 1-16.
- GOLDWASSER, Orly (2006) – “Canaanites Reading Hieroglyphs. Horus is Hathor? The Invention of the Alphabet in Sinai”. *Egypt and the Levant*. 16, pp. 121-160.
- PARKER, Hope (2022) – “The Proto-Sinaitic Inscriptions at Serabit el-Khadim in their Archaeological Context: Date and Function”. *Egypt and the Levant*. 32, pp. 269-311.
- PETRIE, W. Flinders (1906) – *Researches in Sinai*. New York: E. P. Dutton and Company.
- PETROVICH, Douglas (2016) – *The World's Oldest Alphabet: Hebrew as the Language of the Proto-Consonantal Script*. Jerusalem: Carta.
- RENDTORFF, Rolf (1990) – “The Problem of the Process of Transmission in the Pentateuch”. *Journal for the Study of the Old Testament Supplement*. 89. Sheffield.



Fernando Ferreira

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Hoje temos connosco um homem cuja vida poderia ser contada em capítulos muito diferentes, mas todos unidos por uma mesma linha condutora: Um profundo amor pela Palavra de Deus. Fernando António dos Santos Ferreira. Nasceu em Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, em 1950. Sendo o mais velho de seis irmãos, cedo aprendeu o valor do trabalho. Ainda criança, já sonhava em pregar, imaginando que alguém poderia passar na rua e ouvir a mensagem que ele lia em voz alta da lição da Escola Sabatina. A vida levou-o por caminhos muito variados, passou pela tropa em Angola, viveu o ambiente intenso dos anos da Revolução em Portugal, trabalhou em profissões técnicas e, quase por acaso, iniciou uma jornada que marcaria décadas da sua vida, a colportagem, levando li-

vro e esperança a milhares de pessoas. Foi músico, maestro de coros, ancião de igreja durante muitos anos, Diretor do Departamento de Publicações da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia e, mais tarde, ministro do culto em diversas comunidades. Ao longo deste percurso deixou livros, estudos bíblicos, amizades e histórias espalhadas por muitos lugares. Mas a sua vida também conheceu momentos difíceis. Depois de quarenta anos de casamento, acompanhou a doença da sua esposa até à despedida. Uma experiência que o marcou profundamente, moldando a sua caminhada espiritual. Hoje continua ativo, continua a estudar, a escrever, a servir. A sua biblioteca ocupa paredes inteiras da casa e ele próprio diz que o seu verdadeiro tesouro são os livros, especialmente a Bíblia.

ED: O Fernando nasceu em 1950. Terá em breve setenta e seis anos. Olhando para esta história de vida, acredita que as diversas experiências que viveu ao longo da sua vida podem inspirar alguém que leia esta entrevista?

FF: Eu penso que, quando olhamos para trás e quando temos tantos anos para olhar para trás, podemos ver como Deus tem conduzido as coisas. E Ele tem conduzido de uma forma maravilhosa, de uma forma muito interessante, porque muito variada. Há pessoas que fazem a mesma coisa ao longo da vida e, às vezes, saturam-se. Eu acabei por ter diversas fases no meu ministério, em diversas áreas, e, portanto, percebo que Deus tem dirigido as coisas da maneira que melhor Lhe agrada.

ED: O Fernando nasceu com uma propensão especial para a espiritualidade. Porque é que eu digo isto? Porque se batizou muito cedo, com 10 anos. Foi por iniciativa própria?

FF: Sim. Eu falei com o meu pai e disse-lhe que me queria batizar. Ele falou com o Pastor e eu acabei por me batizar nessa altura. Sentia realmente uma atração particular pelas coisas espirituais.

ED: O seu pai era um empresário da construção civil. Quem foi a primeira pessoa que conheceu o Evangelho na sua família?

FF: Foi o meu pai. Depois ele começou a dar conhecimento aos irmãos. Temos uma família muito grande. Nós reunimo-nos todos, em

Quando olhamos para trás e quando temos tantos anos para olhar para trás, podemos ver como Deus tem conduzido as coisas.

2006, e fizemos um coro com mais de 80 elementos.

ED: Em que ano é que o seu pai conheceu a mensagem adventista?

FF: Na altura em que nasci. Eu nasci em 1950 e ele, em 1949, já frequentava a Igreja.

ED: Voltemos à sua experiência de vida. Recorda-se da primeira pregação que fez?

FF: Sim. Tivemos um Pastor que passou pela igreja de Canelas, o Pastor Eugénio Rodrigues. Ele fazia formação para os jovens adolescentes. Eu devia ter 14 anos. Aos domingos, tínhamos reuniões à noite. Ele organizava equipas. Juntava uma pessoa mais velha e dois adolescentes. Então o primeiro adolescente fazia uma parte, por volta de uns 15 minutos, que ele nos orientava a preparar. Depois o adulto fazia o corpo central da pregação. O outro adolescente fazia a parte final. Foi essa a primeira ocasião em que tive de falar para o público.

ED: E sempre teve a propensão para a liderança, porque foi ancião



também muito cedo, com 28 anos. Fazia sentido para si ser ancião tão cedo?

FF: Eu recordo-me que, na altura, houve alguns irmãos mais velhos que acharam que era demasiado cedo. De qualquer forma, nessa altura também já trabalhava no Departamento de Publicações. Era Colportor. Portanto, aceitei com normalidade e responsabilidade.

ED: Olhando para trás, quais foram aquelas pessoas que o marcaram? Quem o influenciou?

FF: Há um dos nossos Pastores, que eu vejo muito como um grande professor. O Pastor Ezequiel Quintino. Ele fazia diversos seminários, nomeadamente um Seminário sobre Daniel. Eu gostava muito da forma como ele apresentava as profecias. E guardei todo o material que ele dava. Noutras áreas, fui influenciado pelo Pastor Echevarría. Também fui influenciado pelo Pastor que me batizou, o Pastor Eliseu Miranda, que era um homem extremamente simpático. Não era um homem que tinha o dom da pregação. Mas era alguém que batizou em números como nunca vi batizar. E esse Pastor também marcava, pela sua maneira gentil, muito afável.

ED: O Fernando teve uma distinta carreira na colportagem. Como se tornou Colportor?

FF: Fui dar um passeio, em fevereiro de 1975, e encontrei-me com o irmão Abel Mota, muito conhecido na região norte. Ele perguntou-me o que eu estava a fazer. Disse-lhe que tinha acabado um curso e estava à espe-

ra de colocação. Ele disse-me: “Amanhã venha comigo.” Ele era colporteur evangelista. Eu fui trabalhar com ele. Trabalhámos ali um dia. Fiquei cansado, mas fui com ele no dia seguinte e ele continuou a insistir para que eu o acompanhasse. Uma semana depois, ele falou com o Diretor do Departamento de Publicações e este foi iniciar-me no trabalho de colportagem no Porto.

ED: O Fernando nunca teve oportunidade de realizar estudos formais. Mas isso não o impediu de ser uma pessoa muito ligada ao estudo, ao conhecimento, certo?

FF: Nós temos de estudar a vida inteira, numa formação contínua. Há pessoas que dizem que são autodidatas. Eu costumo dizer que sou “pneumodidata”. Um “pneumodidata” é alguém ensinado pelo Espírito. O Espírito Santo ensina-nos. O Espírito Santo vai-nos dando ferramentas e nós devemos utilizá-las.

ED: A sua primeira esposa acabou por falecer com uma doença que atinge muitas pessoas. O Fernando simplesmente interrompeu o tra-

Um “pneumodidata” é alguém ensinado pelo Espírito. O Espírito Santo ensina-nos. O Espírito Santo vai-nos dando ferramentas e nós devemos utilizá-las.



balho que tinha na altura, durante um período muito específico, para cuidar da sua esposa. Como recorda esse período da sua vida?

FF: Foi uma época difícil, mas interessante. Eu estava a trabalhar, na altura, como líder nas igrejas adventistas de Ermesinde e de Pedrouços. Foi nessa altura que ela teve um problema sério de saúde e eu pedi uma licença sem vencimento para a assistir, porque ela apoiou-me muito durante todos esses anos. Eu pensei: “Agora é a hora de eu me dedicar.” E então dediquei-me. Ela deitava-se muito cedo, por volta das nove e meia da noite, e eu aproveitava para estudar até às onze da noite. E, nessa altura, preparei um Seminário sobre o Apocalipse. Assim, durante o dia eu vivia o problema, mas, mal ela se deitava, eu tinha outra coisa para ocupar a minha mente. Foi a forma que encontrei para conseguir superar aquela situação tão violenta.

ED: E não houve nenhum momento de revolta, já que era alguém

que dedicara a sua vida toda a Deus? A partilhar a mensagem do Evangelho com as pessoas? Nunca se sentiu abandonado? Ou isso nunca lhe passou pela cabeça?

FF: Nunca me passou pela cabeça. Nós temos de aceitar as coisas boas e as coisas más, quando elas acontecem na vida. Deus tem orientações para a nossa vida e há soluções para os nossos problemas.

ED: O Fernando voltou a casar?

FF: Eu voltei a casar passado algum tempo. Com a Olívia. Ela também era viúva. No conjunto, temos doze netos. Eu tenho oito, a Olívia tem quatro. E há uma coisa que eu tenho uma necessidade contínua de fazer. É orar pelos nossos filhos e pelos nossos netos.

ED: Como é que o Fernando e a Olívia, depois de terem ficado viúvos, se encontraram? Já se conheciam?

FF: Sim, conhecíamos-nos bem. Um dia eu orei. Eu ia para as Reuniões de Oficiais de Igreja, em Oliveira de Douro. E eu disse ao Senhor: “Se há alguém que pode entrar na minha vida, mostra-me hoje.” Porque eu sabia que ia estar ali gente de muitos lugares. Houve um momento em que a Olívia veio ter comigo. Nós estávamos numa reunião e ela estava sem lugar para se sentar. Ela tinha ido a uma outra reunião e quando chegou não tinha lugar. Eu tinha ocupado o lugar dela. As coisas dela estavam no chão. Ela apanhou as suas coisas e sentou-se ao meu lado. Não havia ali muitos lugares. Mas havia aquele. Eu fiquei a re-

Nas igrejas, eu prefiro ensinar, seja a passar a lição da Escola Sabatina, seja a pregar, seja a fazer um seminário. Prefiro isto a dirigir.

fletir naquilo. Porque eu tinha pedido a Deus que me mostrasse alguém que pudesse corresponder às necessidades que eu tinha. Depois liguei à Olívia e disse-lhe o que tinha acontecido. Conversámos. Eu disse-lhe: “Eu pedi este sinal a Deus e aconteceu. Gostava que a Olívia pensasse na possibilidade de podermos organizar a nossa vida a dois.” Acabámos por pensar que seria bom nós casarmos. Tínhamos uma cultura muito idêntica, mesmo a nível de saúde, de hábitos alimentares. Aca-



bámos por decidir e casámos. Fizemos agora 10 anos de casados.

ED: Hoje fazem muita coisa em conjunto. Continuam ambos a trabalhar na área da realização de seminários. É assim que vivem?

FF: Sim. Depois do meu casamento, fui convidado pela União para ser Diretor do Departamento de Mordomia. A Olívia acompanhava-me. Mas também temos trabalhado na realização de seminários, porque a Olívia é uma especialista na área da alimentação. Nós temos feito muitos seminários, porque ela faz essa parte, ensina as pessoas a cozinhar.

ED: Fernando, já falámos em tanta coisa, em tantas vidas dentro de uma só vida. Há ainda algo que gostasse de fazer nesta terra?

FF: O que eu gosto mais de fazer e o que eu me sinto mais vocacionado para fazer é ensinar. Eu gosto muito de ensinar. Não ensinar como um professor, mas ensinar como um estudante. Como uma pessoa que está a estudar com outra. Porque eu nunca me arrogarei o papel de professor. Mas gosto de ser aquele que está a estudar com alguém. E, então, na área das profecias, gosto imenso. Assim, nas igrejas, eu prefiro ensinar, seja a passar a lição da Escola Sabatina, seja a pregar, seja a fazer um seminário. Prefiro isto a dirigir. Eu fui líder durante muitos anos, porque fui líder do Departamento de Publicações durante 15 anos. Fui líder de quatro igrejas durante sete anos. Fui líder do Departamento de Mordomia durante vários anos. Portanto, tinha de ter essa vocação de liderança. Mas, neste momento, eu sinto que a liderança me cria algumas dificuldades. O ensino não cria.

ED: Fernando, a última pergunta que eu lhe vou fazer é aquela que faço a todos os nossos convidados. Como é que o Fernando gostaria de ser lembrado?

FF: Como o estudioso. Eu gosto de estudar. Estudar não depende das oportunidades que nós tivemos. Depende do uso que nós fazemos delas. Isso é contínuo. Eu gostaria de ser lembrado como o estudioso eterno.

ED: Fernando, muito obrigado pela oportunidade que nos deu de o conhecermos e de sermos inspirados pela sua história de vida.

FF: Foi um prazer. Obrigado pelo convite.





O Lar – Uma Experiência Doce como o Mel ou Amarga como o Fel?



A experiência da Igreja de Cristo nos últimos dias é descrita em Apocalipse 10 como algo agridoce. O profeta recebe um livrinho para ser por ele digerido. Na sua boca seria doce como o mel, mas no seu estômago seria amargo. Amargo como o fel, poderíamos nós acrescentar. Os estudantes da profecia bíblica sabem bem que esta profecia descreve a experiência do movimento do Advento que culminou com o desapontamento de 22 de outubro de 1844. Sendo, contudo, a experiência do matrimônio uma das mais usadas analogias para descrever a relação entre Cristo e a Sua Igreja, perguntamo-nos se não podemos usar, num sentido inverso, a experiência do povo de Deus para descrever o que, muitas vezes, é a realidade dos lares cristãos: Uma experiência igualmente agridoce.

Tudo começa num lindo romance, no grande entusiasmo de uma vida a

dois que se afigura brilhante à partida culminando com uma linda cerimônia de casamento. Seguem-se os primeiros anos, a chegada dos filhos (com os seus desafios, é certo, mas eles são tão lindos e engraçados!) e o sonho continua. Só que o fulgor e o dulçor de um relacionamento que já vinha a dar alguns sinais de que nem tudo eram rosas, de repente entra numa profunda e amarga crise. O fel amargo instalado pelas fraquezas naturais de um caráter imperfeito, comum a cada membro do casal, agora tornou-se dominante e já não pode ser disfarçado, nem contornado. Podemos estar a falar da presença de uma personalidade narcisista, patologicamente egocêntrica, tão difícil, senão mesmo impossível, de curar. Ou então podemos estar a falar de um qualquer vício, de uma dependência, que foi ganhando terreno e extinguindo o amor. A vida torna-se completa-

mente ingovernável. Sem amor no lar, por uma ou outra causa, instalou-se o desrespeito, o abuso, a violência doméstica, que não é apenas física. Na sua mais maligna forma pode também ser espiritual, quando se usa o conhecimento bíblico e uma visão distorcida de Deus para justificar e perpetuar o mal. Um dia de sol primaveril pode facilmente, no nosso contexto humano, tornar-se numa noite escura e tempestuosa. Terá este que ser o fim de um sonho? O fim de um projeto ideal de felicidade familiar?

Ao profeta, o anjo disse: “É necessário ainda que profetizes” (Apocalipse 10:11). Sim, depois da amargura do desapontamento, havia ainda uma missão profética para o povo de Deus, havia ainda um propósito para cumprir, havia vida para além da amargura do desapontamento. Da mesma forma, quando uma família passa por uma grande e amarga crise, que colocou a descoberto as suas grandes dificuldades, longe de ter de ser o fim de tudo, é a oportunidade de ouro para, prostrados aos pés de Cristo e humildes como nunca, começarem uma caminhada de restauração que, agora sim, os pode levar a cumprir um ministério de cura em favor da sua salvação e de muitas outras famílias que padecem das mesmas enfermidades. Neste processo, o dulçor não apenas pode regressar, como ser muito mais intenso do que o inicial, mediante a transparência, a abertura e a intimidade que se pode gerar. O companheirismo e a entreaajuda, o compromisso, o romance e, mesmo, a intimidade do casal podem ganhar níveis nunca alcançados antes

e tudo isto pelo poder da graça divina que opera no coração humano.

John James Randolph Adolphus Mills, mais conhecido como Johnny Barnes, foi um Adventista que, tendo imigrado para as Bermudas para trabalhar na ferrovia local, tornou-se conhecido por, depois da sua reforma, colocar-se numa das principais rotundas de Hamilton, a acenar e a saudar os transeuntes todos os dias úteis entre as 4 e as 10 horas da manhã. Fê-lo por quase 30 anos e tornou-se tão conhecido e amado que até lhe erigiram uma estátua, inaugurada antes mesmo da sua morte, em 2016. Existem documentários sobre ele na *Internet* e até mesmo a rainha de Inglaterra, em visita à ilha, fez questão de o conhecer. Para mim, contudo, o mais fantástico testemunho foi o da sua própria esposa. Dela se diz que tinha um temperamento alegre, pois o seu marido cobria-a de mel desde o casamento e ao longo de 77 anos de vida comum.

Sim, a experiência do lar pode ter momentos muito duros e dolorosos. No entanto, o lar não foi originalmente criado para tal. Sendo hoje tão prevalente o sofrimento doméstico, é importante recordar que este só veio a existir por causa da entrada do pecado neste mundo. O lar foi criado para ser o ambiente por excelência onde o amor, a doçura e o afeto são produzidos, para depois transbordarem para fora do lar, como foi no caso de Johnny Barnes. Quando assim é, o lar é, por excelência, o maior meio de evangelização, com a profecia sobre o amor de Deus a espalhar-se por povos, nações e línguas.

Departamento dos Ministérios da Mulher

A missão de uma
perspetiva feminina.



Cristina Bastos

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Mulher*

Os Ministérios da Mulher, iniciados a partir do sonho e da visão de uma mulher americana, Sarepta Henry, têm continuado a crescer através do sonho de várias mulheres ao redor do mundo. Aqui, no nosso país, começou timidamente perante as dúvidas de vários irmãos e de várias irmãs acerca da pertinência de tal Departamento. Foi com a explicação da irmã Eunice Dias sobre a importância de serem mulheres a atender a necessidades específicas de outras mulheres, como por exemplo, mães que ajudam novas mães, que se começou a descortinar a necessidade deste ministério. Outras irmãs continuaram a dirigir e a desenvolver este ministério, nomeadamente, Rosa Nunes, Guida Esteves, Isabel Nogueira, Raquel Almeida, incluindo algumas ministras de culto: Hortelinda Gal, Milu Cordeiro e Paula Amorim.

A nível local, nem sempre foi fácil conseguir a adesão das nossas irmãs, pela falta de compreensão sobre este ministério, assim como pelo grande envolvimento das mesmas em diversos ministérios na igreja.

Pessoalmente, o testemunho de uma amiga portuguesa, imigrante na Áustria, despertou no meu coração uma identificação, uma afinidade e um carinho pelo grande potencial missionário dos Ministérios da Mulher para abençoar vizinhas e amigas. Assim, em 2022, quando chegou o convite para liderar este ministério, apesar de me sentir pequenina perante o desafio, fiquei impressionada com este chamado que o Senhor já tinha colocado no meu coração.



Formação de Mulheres para a Liderança, Costa de Lavos, Junho de 2024.



Formação de Mulheres para a Liderança, Costa de Lavos, Junho de 2024.



Chá de Amigas, maio de 2024.



Chá da Amigas de Oração, Igreja do Porto, Junho de 2024.

Quanto mais procurava conhecer a fundo este campo de missão, mais me identificava com os pilares de ação (Nutrir em Deus, Qualificar com Deus e Alcançar para Deus) e mais me sentia movida pelas áreas críticas de atenção (analfabetismo, abuso/violência, pobreza, riscos para a saúde, sobrecarga laboral, falta de formação). As estratégias eram cativantes por seguirem de perto o método de Cristo, na procura de abençoar através da amizade e do serviço.

Vários recursos *online* e/ou físicos foram criados para que cada mulher pudesse ser beneficiada e ser preparada para beneficiar:

- Meu Jardim de Flores (para incentivar a intercessão pelas amigas);
- Meu Caderno de Oração (como memorial para anotar pedidos e respostas à oração);
- Meu Diário Bíblico (para incentivar e ajudar no estudo individual da Palavra com Deus);
- MIMA: Minha Irmã, Minha Amiga (programa de mentoria para adolescentes);
- Chá de Princesas (programa

sugerido para alicerçar na mente das meninas, das suas mães, avós, amigas e respetivas familiares, que são valiosas e amadas por Deus);

- Agenda da Mulher (para incentivar a organização, hábitos de saúde, bem como cultivar a gratidão e a espiritualidade no decorrer de cada dia do ano);
- Pensar Bem, Viver Melhor (Seminário sobre Saúde Mental).

Também foram disponibilizados recursos já existentes, preparados por líderes anteriores, como:

- Guia sobre os Ministérios da Mulher (com orientações práticas sobre este Departamento);
- Bíblia da Mulher e respetivos estudos bíblicos (para incentivar as nossas irmãs a estudarem a Bíblia com amigas que não conhecem Deus);
- Caminho para uma Vida Plena (programa de apoio a pessoas com dependências, seguindo a Metodologia dos Doze Passos dos Alcoólicos



Formação de Mulheres para a Liderança,
Costa de Lavos, Junho de 2024.



Igreja do Barreiro, setembro de 2024.

Anónimos, baseada numa versão adaptada do livro de Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo*).

Em parceria com o Departamento de Publicações, surgiu o desejo de criar um livro de Meditações para Mulheres, escrito por 365 mulheres diferentes, residentes em Portugal. Agradecemos a todas as mulheres que já participaram, mas ainda há espaço e necessidade de mais colaboração.

De 2023 a 2025 decorreu, em três níveis, a Formação de Mulheres para a Liderança, na Costa de Lavos, por gentil cedência do Departamento de Jovens da UPASD. Neste evento, tivemos sempre a preciosa colaboração da irmã Dagmar Dorn, líder deste Departamento na nossa Divisão. O objetivo desta iniciativa foi promover a interação entre as mulheres, assim como ajudá-las a perceber a importância de uma melhor gestão de vida e de desenvolver os seus talentos em áreas como a comunicação, o evangelismo, a resolução de problemas, a sensibilidade cultural, entre outras, que poderão ser úteis para a vida pessoal, familiar, eclesial e profissional. Esta atividade foi possível com a participação benévola de várias irmãs, com formação em

diversas áreas, que vieram enriquecer-nos com a sua experiência e partilha.

Em outubro de 2025, houve um Encontro Ibérico, com as irmãs residentes em Espanha, que decorreu nas instalações do CAM (Centro de Atividades Múltiplas), perto de Madrid. O tema foi “De Volta ao Éden”, com uma linda música-tema da autoria da jovem Gabi, da igreja de Espinho. Este evento, bastante apreciado por todas as participantes, suscitou um desejo de repetição, assim como saudosas recordações de outro, que tinha ocorrido com a Pra. Hortelinda, há vários anos.

Muitas outras iniciativas têm sido desenvolvidas pelas nossas líderes, a nível local, com destaque para o Chá das Mulheres/Amigas, no qual algum tema de interesse comum é abordado, seguido de agradáveis momentos de convívio entre membros e visitas, à volta de uma mesa decorada com requinte e carinho. Pela graça de Deus e pela ajuda voluntária e dedicada de muitas irmãs, uma diferença positiva tem vindo a acontecer e a expandir-se. Agradecemos também ao Pai do Céu pelas irmãs que Ele tem trazido de outras partes do mundo, cujas experiências variadas e boa von-



Igreja de Aveiro, 7 de março de 2026.



Igreja de Lisboa General Roçadas.

tade têm contribuído para enriquecer esta área de ação. Esta unidade entre as irmãs, em sintonia com a oração de Jesus pela unidade em João 17:21-24, é indispensável à missão. Outra iniciativa local é o Chá de Bebê, com o objetivo de ajudar futuras mães e os seus bebés. Numa igreja, este projeto foi um meio notoriamente usado pelo Senhor para promover a união entre os membros de igreja de diversos grupos étnicos.

Várias igrejas têm igualmente usado o projeto do Chá de Princesas, incluindo também os Príncipes, fazendo o Chá de Princesas e Príncipes, para ajudar os jovens de ambos os sexos a fortalecer o conceito de que são muito amados, filhas e filhos do Rei do Universo.

A adesão local às datas especiais – o Dia Internacional de Oração da Mulher (primeiro Sábado de março), o Dia de Ênfase dos Ministérios da Mulher (segundo Sábado de junho) e o Dia de Ênfase *Enditnow*[®] (recomendado para o Sábado mais próximo de 25 de novembro) – tem sido motivo de união de esforços e de desenvolvimento de talentos entre as nossas irmãs, espelhada em diversas atividades,

decoradas com primor e beleza, para benefício de membros e de visitas.

O Departamento também tem procurado intervir no *Instagram* com a partilha de temas variados, de interesse devocional, culinário, de sensibilização contra o abuso, entre outros.

Continuamos a planear o lançamento de uma nova agenda para 2027, desta vez também com uma versão digital, para alcançar diferentes necessidades e hábitos, com um toque de espiritualidade e promoção de bem-estar e organização.

Ainda em 2026, de 2 a 5 de outubro, estamos a planear um retiro espiritual para motivar as mulheres na sua caminhada pessoal com Cristo e na missão, num são convívio, com a participação especial das irmãs Dagmar Dorn e Raquel Arrais como oradoras. Para fechar este quinquénio, em 2027, estamos a planear outro retiro para um trabalho íntimo e individual com o Espírito Santo em várias áreas práticas da vida de cada mulher.

Louvamos a Deus por tudo o que já fez e continuará a fazer e oramos para que Ele, segundo o Seu projeto personalizado, continue a operar através de cada mulher.



ESPAÇO JUVENIL

Heróis da Bíblia

JACOB

UMA VIDA TRANSFORMADA



“Não te deixarei ir, se
me não abençoares”
(Gênesis 32:26).



Conceição Teles

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

Olá, amiguinho!

Eu sou o Jacob e hoje quero contar-te a minha história. A minha vida teve momentos bons e outros mais difíceis, mas em todos eles Deus esteve comigo.

Eu nasci numa família especial. O meu pai chamava-se Isaac e a minha mãe, Rebeca. Tinha um irmão gêmeo chamado Esaú. Ele nasceu primeiro e, por isso, tinha direito a uma bênção muito importante chamada “Primogenitura”. Mas um dia, quando ele estava com muita fome, trocou essa bênção comigo por um simples prato de lentilhas! Sim, é verdade... por comida!

Mais tarde, fiz algo de que não me orgulho. Com a ajuda da minha mãe, enganei o meu pai para receber a bênção que era do meu irmão. Fingi ser Esaú... e consegui. Mas isso trouxe-me problemas. O meu irmão ficou muito zangado comigo, pelo que tive de fugir de casa.

Nessa viagem, aconteceu algo maravilhoso. Numa noite, enquanto dormia, sonhei com uma escada que ligava a Terra ao Céu, com anjos a subir e a descer. Deus falou comigo e prometeu cuidar de mim. Eu chamei àquele lugar Betel, que significa “Casa de Deus”. Foi ali que percebi que Deus nunca me tinha abandonado.

Depois disso, fui viver com um tio chamado Labão. Lá, apaixonei-me por uma das suas filhas, Raquel, e trabalhei sete anos para poder casar com ela. Mas... sabes o que aconteceu? Também fui enganado! Labão fez-me casar primeiro com Lia, a irmã dela, e só depois com Raquel. Assim aprendi, de forma muito dolorosa, que o engano traz sempre tristeza.

Passados muitos anos, tive de voltar para casa..., mas estava com muito medo do meu irmão Esaú. Ele podia ainda estar zangado comigo!

Na noite antes de o encontrar, fiquei sozinho a orar... e lutei com o Anjo do Senhor. Era Deus a mostrar-me que eu precisava de depender totalmente d’Ele. Eu sabia que precisava do perdão de Deus, por isso disse: **“Não Te deixarei ir, se me não abençoares!”**

Deus viu o meu coração arrependido... e abençoou-me. Até mudou o meu nome para *Israel*, que significa “Aquele que luta com Deus e vence”.

No dia seguinte, quando encontrei o meu irmão, aconteceu um milagre! Esaú não quis vingarse. Ele correu, abraçou-me e chorámos juntos.

Deus mudou o meu coração... e também o coração do meu irmão.

Infelizmente, também passei por momentos muito tristes. Os meus próprios filhos enganaram-me. Trouxeram-me a túnica de José manchada de sangue, dizendo que o meu filho tinha sido morto por um animal. Eu chorei muito... durante muito tempo. Mas Deus tinha um plano! Mais tarde, descobri que José estava vivo e que era governador no Egito. Que alegria tão grande!

Então, toda a minha família foi viver para o Egito, onde fomos bem recebidos e protegidos.

O que aprendi com a história de Jacob

- Mesmo quando erramos, Deus não desiste de nós;
- As nossas escolhas têm consequências;
- O perdão é possível, mesmo depois de grandes erros;
- E, acima de tudo, Deus cumpre sempre as Suas promessas.

Queres ser como Jacob?

- Fala com Deus todos os dias, mesmo quando tens medo.



- Confia em Deus, mesmo quando não entendes tudo.
- Pede perdão quando erras – Deus está pronto para perdoar.
- Nunca desistas! Continua a “lutar” em oração.
- Escolhe ser verdadeiro, porque Deus ama a verdade.

Desafio: “A Escada de Jacob”

- Desenha uma escada que vai da Terra até ao Céu.
- No topo, escreve: “Deus está comigo.”
- Em cada degrau, escreve: **Orar, Confiar, Obedecer, Pedir Perdão e Ser Verdadeiro.**
- Desenha anjos a subir e a descer pela escada.
- Coloca o desenho num lugar visível, para te lembrares de que Deus está sempre contigo.

Aponta o telemóvel e
descobre as surpresas
preparadas para ti:



[recursos.adventistas.org.pt/criancas/
documentos/espaco-juvenil-herois-da-
biblia-maio-2026/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-maio-2026/)



Daniel Vicente
*Diretor do Serviço de Espírito
de Profecia da UPASD*

ESPÍRITO DE PROFECIA

A Palavra de Deus

A crença fundamental e a base de todas as outras crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é a de que “as Sagradas Escrituras, o Velho e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus, dada por inspiração divina por intermédio de santos homens de Deus que falaram e escreveram movidos pelo Espírito Santo. Nesta Palavra, Deus transmitiu ao homem o conhecimento necessário para a salvação. As Escrituras são a revelação infalível da Sua vontade. Constituem o padrão do caráter e a prova da experiência, o autorizado revelador de doutrinas e o registo fidedigno dos atos de Deus na História”¹.

Muitas vezes Ellen G. White confirmou esta visão da Bíblia, mesmo quando alguns dos pioneiros adventistas tinham ideias muito particulares acerca do que era a revelação e a inspiração bíblicas. O espaço não nos permite esmiuçar esses diferentes conceitos de revelação e de inspiração. Vamos, antes, apresentar a confirmação de que Ellen G. White apresentou o conceito de

revelação e inspiração tal como expresso no texto da introdução do tema de hoje.

Em 1851, em *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* e posteriormente em *Primeiros Escritos* e na compilação de *Mensagens Escolhidas*, volume 3, no capítulo “A Primazia da Palavra”, Ellen G. White escreveu o seguinte: “Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra da vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos ‘últimos dias’; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica.”² Aqui, torna-se evidente o papel que Ellen G. White dá à Bíblia, como regra de fé, nos seus primeiros escritos. Para melhor compreendermos como se estabeleceram as bases da fé e das doutrinas bíblicas nos primórdios da IASD, é-nos descrito o seguinte: “Nós investigávamos as Escrituras com muita oração, e o Espírito Santo trazia-nos ao espírito a verdade. Por vezes, noites inteiras eram consagradas à pesquisa das Es-

crituras, a pedir fervorosamente a Deus a Sua orientação. Juntavam-se grupos de homens e mulheres pios, para esse fim. O poder de Deus vinha sobre mim, e eu era habilitada a definir o que era a verdade e o erro.”³

Ellen G. White apresentou, igualmente, a Pessoa de Jesus Cristo, a Sua divindade, o Seu poder, a Sua salvação, como o Centro de toda a Bíblia, isto é, do Velho e do Novo Testamentos: “O poder de Cristo, o Salvador crucificado, para conceder a vida eterna, deve ser apresentado ao povo. Devemos demonstrar-lhes que o Antigo Testamento é tão certamente o Evangelho em sombras e figuras, como o é o Novo no seu poder revelado. O Novo Testamento não apresenta uma religião nova; o Antigo Testamento não apresenta uma religião que deva ser substituída pelo Novo. O Novo Testamento é apenas a sequência e a revelação do Antigo.”⁴

Os escritos, as cartas e as pregações de Ellen G. White nunca diminuíram ou alteraram a autoridade e a importância da Bíblia como a única e absoluta regra de fé para o crente em Jesus. Os seus escritos não trouxeram uma nova luz para além da Bíblia. Antes fizeram brilhar a luz que dela irradiava – e irradiava – desde que a Palavra de Deus foi dada ao ser humano.

1
Os Adventistas do Sétimo Dia Creem...,
Publicadora Atlântico, 1989, p. 4.

2
Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*,
CPB, 1987, Vol. 3, p. 29.

3
Idem, p. 32.

4
Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja*,
CPB, 2007, p. 91.





COLEÇÃO
Luminares de fé

Novidade!



12€

Histórias reais de milagres modernos e transformação profunda.
Descubra como viver uma vida guiada pelo Espírito Santo.



AUTOR:
Pavel Goia

Compre aqui:

